

O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA

Danielle Gomes Dias

Shayane Ferreira dos Santos

Liliana Azevedo Nogueira

Doutoranda em Engenharia da Informática/UPSAM/Espanha
Professora do Curso de Pedagogia/ISECENSA

Margaret Coelho de Oliveira

Supervisora de 1 a 4 serie do CENSA
Responsável pela residência pedagógica
do curso de pedagogia do ISECENSA

Luzia Alves de Carvalho

Doutora em Sociologia/UPSAM/Espanha
Coordenadora do Curso de Pedagogia/ISECENSA

Resumo:

Este trabalho pretende analisar o processo de apropriação do sistema ortográfico, durante as séries iniciais do Ensino Fundamental. O número de alunos em escolas privadas e, principalmente, em escolas públicas com dificuldades de aprendizagem da escrita, tem sido tão grande que nos leva a pensar se todas elas seriam portadoras de distúrbios de aprendizagens, ou estariam sofrendo as conseqüências de métodos arcaicos que não dão conta de atingir seus objetivos. A aprendizagem da ortografia necessariamente leva a um trabalho reflexivo sobre a escrita, favorecendo uma atividade consciente sobre a representação gráfica, conforme nos lembram Carraher (1992) e Salgado (1992). Para esse último autor, " (...) escrever corretamente significa fazer um uso consciente e premeditado de nossa língua, o erro não é mais do que o desconhecimento ou a não - consciência dessa arbitrariedade convencional e, a partir de um ponto de vista educativo é o que deve motivar a busca de metodologia mais adequada para garantir a aprendizagem" (pág 29). No que se refere à escrita, para aprendê-la, a criança necessita viver em uma sociedade letrada ou, mais especificamente fazer parte de algum segmento da sociedade que tenha acesso ao letramento. Diante disso, é fundamental para nós, profissionais envolvidos com o desenvolvimento infantil e com a aprendizagem, conhecermos como a criança processa o ensino da ortografia.

Palavras-chave: ortografia; aprendizagem, metodologia, erros ortográficos, letramento, alfabetização.

Resumen:

Este trabajo pretende analizar el proceso de apropiación del sistema ortográfico, durante las series iniciales de la Enseñanza Fundamental. El número de alumnos en escuelas privadas y , principalmente, en escuelas públicas con dificultades de aprendizaje de la escritura, ha sido tan grande que nos lleva a pensar se todas ellas serían portadoras de distúrbios de aprendizajes, o estarían sufriendo las consecuencia de métodos arcaicos que no dan cuenta de alcanzar sus objetivos. El aprendizaje de la ortografía necessariamente lleva a un trabajo reflexivo sobre la escritura, favoreciendo una actividad

consciente sobre la representación gráfica, conforme se acuerdan de nosotros Carraher (1992) y Salgado (1992). Para ese último autor, " (...) escribir correctamente significa hacer un uso consciente y premeditado de nuestra lengua, el error ya no es de lo que el desconocimiento o la no - conciencia de esa arbitrariedad convencional y, a partir de un punto de vista educativo es lo que debe motivar la búsqueda de metodología más adecuada para garantizar el aprendizaje" (pág 29). En lo que se refiere a la escritura, para aprenderla, el niño necesita vivir en una sociedad letrada o, más específicamente formar parte de algún segmento de la sociedad que haya acceso al letramento. Delante de eso, es fundamental para nosotros, profesionales envueltos con el desarrollo infantil y con el aprendizaje, que conozcamos como el niño procesa la enseñanza de la ortografía.

Palabras-llave: ortografía; aprendizaje, metodología, errores ortográficos, letramento, alfabetización.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é a culminância de um longo tempo de estudo no curso de Pedagogia dos Institutos Superiores de Ensino do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora (ISECENSA). Esse curso contribuiu significativamente para nosso crescimento pessoal e profissional, tornando-nos profissionais mais humanas e comprometidas com as necessidades do outro. Enquanto profissionais, tivemos a oportunidade de enriquecer nossas práticas e refletir sobre elas à luz de autores que constituem o cerne da educação.

A partir de nossas reflexões, percebemos que a escola apresenta-se como um espaço que direciona o processo de ensino – aprendizagem, é composto por diversas habilidades a serem desenvolvidas. Ao convivermos diariamente com alunos que cursam o primeiro segmento do Ensino Fundamental, verificamos que há determinadas dificuldades no ensino da ortografia que prejudicam a aprendizagem dos alunos.

Diante disso, faz-se necessário um estudo aprofundado acerca desse assunto para que sejam esclarecidos os entraves do processo. Moraes (2003) afirma que “A aquisição da ortografia é impulsionada por diversos fatores, tais como a exposição do aprendiz à língua escrita, a frequência de aparecimento das palavras, a regularidade ou não da notação ortográfica”.

Lidar com dificuldades na aquisição da linguagem escrita aproxima-nos de uma série de problemas da educação, em um sentido mais amplo. O número de alunos em

escolas, em escolas públicas com “dificuldades” de aprendizagem da escrita apresenta-se tão grande que nos leva a um questionamento: todas essas crianças são portadoras de distúrbios de aprendizagem, configurando uma espécie de epidemia, ou a maioria delas sofre as conseqüências de métodos e propostas que não condizem com sua realidade?

Este trabalho, pretende analisar como ocorre o processo de apropriação da ortografia da Língua Portuguesa nas séries iniciais do ensino fundamental e investigar o que professores e alunos consideram fácil e difícil de ser aprendido nesta etapa.

Segundo Zorzi (2003):

“Embora, de fato, possamos encontrar uma série de crianças com reais dificuldades de aprendizagem, elas correspondem, felizmente, a uma minoria. Por outro lado, e infelizmente, a grande maioria não aprende por falta de propostas e condições educacionais mais apropriadas, caracterizando o que podemos chamar de “pseudo” distúrbios de aprendizagem: projetam – se no aprendiz as deficiências do ensino.”

Nessa perspectiva, é importante esclarecer um dos principais objetivos da educação: promover a aquisição da escrita e da leitura. Devemos dominar com clareza o que significa ler e escrever significam, os desafios que representam os conhecimentos de ordem lingüística e que conhecimentos o professor deve ter para poder realmente ensinar.

Por isso, faz-se necessário desenvolver pesquisas aplicadas, cujos resultados possam nos levar a entender os processos normais da aquisição, daquelas dificuldades que são típicas do processo de aprendizagem da ortografia, a possibilidade de diferenciar e compreender as reais dificuldades de aprendizagem, e, acima de tudo, como lidar com elas, de modo que alunos com dificuldades possam ser incluídos em propostas eficientes e apropriadas.

Segundo Pellegrini (2002) o ensino de ortografia não evoluiu como os outros aspectos do ensino da Língua Portuguesa. Se no caso da leitura e da produção de textos

foram feitas várias transformações na atuação do professor, acredito que o mesmo não ocorreu com o ensino da ortografia.

Percebemos que as escolas não apresentam uma meta definida para trabalhar a ortografia, por isso continua, muitas vezes, sendo um objeto de avaliação, de verificação, de ensaio e erro e não de ensino. Um exemplo claro são os ditados, nos quais o professor verifica se o aluno está escrevendo corretamente, ao invés de criar situações contextualizadas de ensino sistemático.

Sobre isso, Silveira (1986) afirma que "A criança erra porque não conhece a representação ortográfica, porque se sente examinada e testada, erra porque muitas vezes as atividades de escrita não têm significado para ela".

Diante dessa realidade, é necessário refletir sobre as metodologias utilizadas no ensino da ortografia da Língua Portuguesa. Dessa forma, analisaremos se as principais causas das dificuldades dos alunos em apropriarem das regras ortográficas estão na forma de ensino ou em defasagens apresentadas pelos educandos.

Esperamos que este trabalho oportunize a reflexão dos professores sobre sua prática e os levem a criar novas estratégias e metodologias para facilitar o ensino da ortografia. Os professores de posse destas reflexões podem tornar suas aulas de Língua Portuguesa mais dinâmicas, prazerosas e significativas para os alunos, favorecendo assim, a uma construção efetiva das normas ortográficas.

PROBLEMA

- Como ocorre o processo de apropriação da ortografia da Língua Portuguesa nas séries iniciais do ensino fundamental? O que é fácil e o que é difícil nessa etapa?

QUESTIONAMENTOS

- Como um professor de ensino fundamental pode ensinar ortografia se ele mesmo não domina esse processo?

- O que é fácil e o que é difícil na apropriação da ortografia da Língua Portuguesa do primeiro ao quinto ano?
- Quais são as principais metodologias utilizadas no ensino da ortografia?
- Como o aprendizado da ortografia pode acontecer de maneira significativa?

OBJETIVO GERAL

- Analisar o processo de apropriação da ortografia da Língua Portuguesa nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Investigar o que professores e alunos consideram fácil e difícil de ser aprendido nesta etapa no que se refere a ortografia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar os conteúdos ortográficos ensinados nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Analisar como se dá a construção das regras ortográficas pelos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Identificar as principais metodologias utilizadas no ensino da ortografia.
- Investigar as principais dificuldades ortográficas dos alunos do primeiro ao quinto ano.

METODOLOGIA

O presente trabalho adotará técnicas mistas de trabalho como a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo para análise comparativa de dados. Para realização da pesquisa de campo, elegemos como instrumentos uma entrevista composta de seis

perguntas direcionadas aos alunos, e um questionário de cinco questões para os professores.

O público alvo escolhido são alunos, professores e coordenadores das séries iniciais do ensino fundamental, oriundos da rede pública e particular de ensino. A escola pública envolvida nessa pesquisa foi o CIEP Municipalizado Professora Carmem Sylvia Carneiro, situada no bairro Eldorado, e a escola particular foi o Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora, localizado no centro da Cidade de Campos dos Goytacazes, RJ.

Para obter uma amostragem significativa, entrevistaremos vinte alunos e cinco professores de cada escola. Ao definirmos essa amostragem buscamos levantar dados de realidades diferentes, comparando-as e elencando as principais dificuldades, as metodologias utilizadas, o que é fácil e o que é difícil na aprendizagem ortográfica.

Segundo Carvalho e Baraldi (1995), por meio de técnicas etimológicas, de observação participante e de entrevistas intensivas, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, desvelar as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano de seu fazer pedagógico.

Esta pesquisa destacará as principais metodologias, as principais dificuldades e facilidades do processo de aprendizagem das normas ortográficas.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa de Campo constitui-se em uma parte importante de qualquer trabalho científico. Diante disso, buscamos confrontar o que estamos estudando teoricamente sobre a ortografia, com aquilo que é realizado na prática. Para isso, aplicamos um questionário para alunos e professores do CIEP Municipalizado Professora Carmem Sylvia Carneiro e no Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora em Campos dos Goytacazes - RJ. Elegemos esses dois campos com o objetivo de abordar diferentes realidades de um mesmo assunto.

O público-alvo da nossa pesquisa constituiu-se de quarenta alunos (vinte de cada escola) e dez professores (cinco de cada escola) para responderem questões ligadas ao ensino e ao aprendizado da ortografia.

As crianças entrevistadas têm entre sete e doze anos, portanto cursam a primeira etapa do ensino fundamental. Escolhemos essa fase do ensino porque acreditamos que é nela que o saber lingüístico se constitui oferecendo condições para a aprendizagem das principais regras ortográficas.

Nestes questionários aplicados abordamos questões fundamentais sobre o tema, as quais, constituirão fonte de grandes discussões e aprendizagens. Tratar do tema ortografia requer atenção, pois esse assunto é alvo de muitas incertezas, dilemas e dúvidas. Os resultados obtidos estão explicitados nos gráficos a seguir.

Inicialmente, perguntamos aos alunos entrevistados se consideravam o domínio da ortografia como algo importante nos dias atuais. Ao analisarmos as respostas das Escolas Pública e Particular pesquisadas, verificamos que 95% dos alunos têm consciência da importância da ortografia.



Figura 1 (escola pública): Você considera importante dominar a ortografia?

Figura 2 (escola particular): Você considera importante dominar a ortografia?

Sobre isso, Guimarães e Roazzi (1999), afirmam que “a escola precisa provocar nos sujeitos uma reflexão sobre a língua, pois um saber metalingüístico que relacione ortografia e significado poderá levar os sujeitos a um melhor desempenho da escrita convencional”.

Percebemos que os discentes colaboradores dessa pesquisa reconhecem a necessidade de escrever corretamente, principalmente no âmbito do mercado de trabalho atual. É importante destacar que mesmo com tantas adversidades encontradas na escola pública, todos os alunos entrevistados percebem o quanto à escrita correta das palavras influencia na vida cotidiana, abrindo ou fechando portas.

Ressaltamos a importância da escola, tanto particular quanto pública, oferecer um ensino de qualidade para os alunos. Apesar disso já ser o papel da escola, é necessário estar atento ao fato de que os discentes percebem quando não está sendo ofertado um ensino que priorize a qualidade e que não os leve a se desenvolverem plenamente como sujeitos.

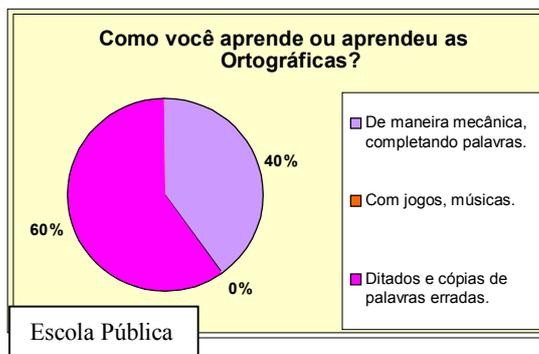


Figura 3 (escola pública): formas como os alunos aprendem ou aprenderam as regras ortográficas.

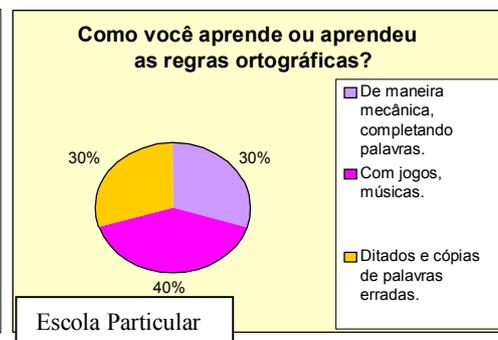


Figura 4 (escola particular): formas como os alunos aprendem ou aprenderam as regras ortográficas.

Ao perguntarmos sobre a metodologia utilizada pelos professores conjuntamente para ensinar ortografia, verificamos que a maioria (quatorze) ainda adota características do ensino tradicional, aplicando ditados, cópias de palavras, , atividades mecânicas que não priorizam a construção e reflexão acerca das normas ortográficas. Vale ressaltar que estas práticas são importantes também, mas não devem ser as únicas formas adotadas.

Segundo Morais (1999, p.53):

“na maioria das vezes as escolas continuam não tendo metas que definam os avanços que esperam promover sobre conhecimentos ortográficos dos aprendizes a cada série do Ensino Fundamental. Nesse espaço de identificação, a ortografia continua sendo mais um objeto

de avaliação, de verificação, que de ensino. Em lugar de criar situações de ensino sistemático a atitude de muitos educadores parece revelar mais uma preocupação em verificar se o aluno está escrevendo corretamente. Isso fica muito claro, por exemplo, no modo como tradicionalmente se realizam os ditados na escola.”

Apesar das práticas mais adotadas ainda serem os ditados e as cópias, ao interpretarmos as figuras 3 e 4, verificamos que na escola particular os jogos e músicas também são utilizados, buscando um ensino significativo e contextualizado.

Vale ressaltar que as metodologias mais tradicionais podem e devem ser utilizadas como forma de fixação, mas não como recurso de construção de conceitos. Isso porque toda aprendizagem pressupõe significado, envolvimento. Portanto a realização de atividades lúdicas faz com que a aprendizagem tenha mais sentido na vida da criança.

Fazer a criança apreender que usamos “m antes de p ou b” apenas pela memorização da regra não fará diferença em sua escrita, pois dificilmente ela internalizará essa regra e, certamente, voltará a errar. Porém, se utilizamos jogos, histórias, filmes, algo prazeroso e interessante, a compreensão da norma ortográfica se dará de forma mais eficaz.

Podemos utilizar como exemplos de atividades lúdicas o “Jogo das cartas: G ou J?” e “A corrida do v e do f”. Nesse jogo, como o próprio nome mostra, trabalha a dificuldade sonora g e j, atenção, ortografia, vocabulário, seqüência lógica e parágrafo. Para jogá-lo, formam-se duplas, em seguida há uma escolha de cartas e vence essa etapa quem completar mais rápido as fichas. A última etapa desse jogo consiste em escolher cinco palavras do jogo e elaborar um texto. Podemos utilizar o jogo como disparador do conteúdo, e em seguida, para haver sistematização, devemos elaborar registros que explicitam a utilização das letras estudadas, conforme o elaborado a seguir por um aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental:

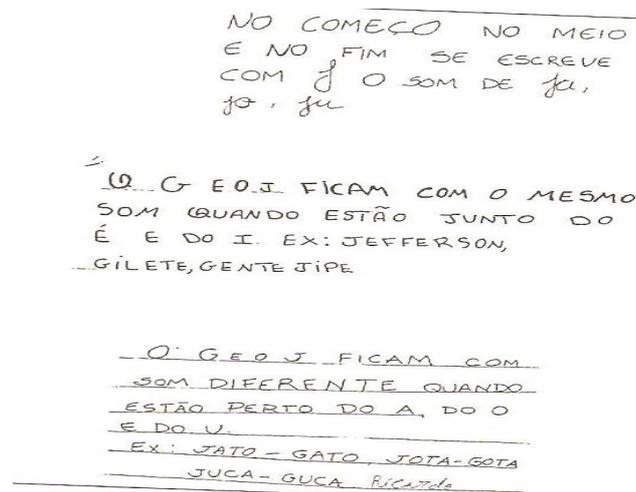


Figura 5: registro de uma norma ortográfica (G/J) elaborado por um aluno do primeiro ano do ensino fundamental

“A corrida do F e V” é um jogo que trabalha a atenção, ortografia, vocabulário, trocas de fonemas (f/v), expressão oral, leitura, seqüência lógica e frase. Para jogá-lo, formamos grupos e cada hora há uma jogada, o grupo que completar primeiro as fichas, vence. Em seguida, os alunos, individualmente, redigem uma frase com cada palavra da atividade lúdico-educativa.

Quando falamos em metodologia para ensinar ortografia, não podemos esquecer de citar a internet como recurso que contribui, positiva ou negativamente, para a educação. A linguagem utilizada nas salas de bate-papo, MSNs, Orkuts, Fotologs e outros, pode ser uma fonte de grandes discussões e aprendizagens.

A escrita na Internet, como bem coloca Chartier (1997) nos induz a pensar como nossa concepção de texto está sendo alterada e como tal modificação carrega, desde o processo de sua criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pelas formas que a precederam. Essa questão talvez ganhe maior visibilidade se refletirmos mais detalhadamente sobre como as novas tecnologias incorporam os antigos avanços tecnológicos e introduzem mudanças que promovem e demandam novos modos de interação com o texto e via o texto escrito. A escrita no meio cibernético, que é escrita de última geração, coloca questões que nos levam a repensar a relação fala e escrita e a considerar modos mistos e heterogêneos de construção. Essa reflexão nos obriga a rever antigas categorias que opõem de forma dicotômica o texto falado e o escrito, ou a cultura oral e a letrada.

Os gráficos abaixo apresentam dados significativos sobre as dificuldades na escrita.



Figura 6 (escola pública): maiores dificuldades na escrita dos alunos.

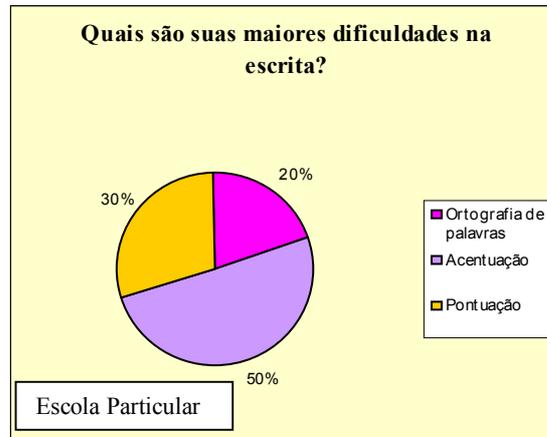


Figura 7 (escola particular): maiores dificuldades na escrita dos alunos.

Dentre as principais dificuldades na escrita e dentre elas buscamos identificar as mais comuns no Ensino Fundamental das escolas pesquisadas. Como resultado da investigação, verificamos que há divergências entre as escolas. Na escola pública a grande dificuldade colocada por 65% dos alunos refere-se à pontuação de textos e frases, entretanto, na escola particular a acentuação encontra-se como principal dificuldade. Como a acentuação e a pontuação encontram-se no topo das dificuldades, foram apresentadas algumas atividades que levam os alunos a refletirem sobre elas. Essas atividades encontram-se no livro “Língua e Linguagem” da autora Eliana Garcia (2005), que é adotado pela escola particular envolvida em nossa pesquisa.

Notamos que a escrita em si das palavras, não é considerada por parte dos alunos como algo difícil. Porém, percebemos em nossos estudos que os alunos da rede pública ainda apresentam erros sérios na grafia das palavras. Sobre isso, Moraes (1999, p.22) afirma que é senso comum entre pesquisadores que o progresso da criança após o ingresso na fase alfabética não mais pode ser caracterizado por um modelo de estágio. As produções escritas das crianças revelam que erros de naturezas opostas, como erros de transcrição de fala, em que a escrita registra a própria fala, coexistem no mesmo sujeito com erros de supercorreção, em que generalizações indevidas são realizadas em determinadas situações de escrita.

As categorizações propostas em alguns estudos acerca dos chamados erros ortográficos, embora tenham sido tomadas como referência para a elaboração de um modelo de classificação, não foram suficientes para dar conta dos erros encontrados, uma

vez que os mesmos não estavam sendo vistos como “erros-produto” de uma produção de textos. Em nossa perspectiva de processo de apropriação, esses erros não seriam um produto, mas se constituiriam em um “obstáculo-conflito” a ser superado. Além do mais, a trajetória de tais erros se configuraria em um movimento de busca da escrita correta.



Figura 8 (escola pública): como você considera o ensino ortográfico na sua sala?

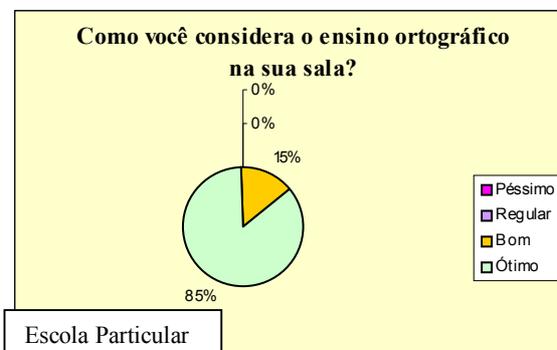


Figura 9 (escola particular): como você considera o ensino ortográfico na sua sala?

Os gráficos anteriores apontam que o ensino ortográfico sob a ótica dos alunos está ótimo, tanto na escola pública quanto na particular. Acreditamos que isso não configura a realidade, principalmente ao compararmos com as respostas dos professores. Durante a aplicação dos questionários percebemos que muitos ficaram constrangidos em marcar opções um pouco negativas. Outros professores demonstraram preocupação em revelar a realidade, como forma de aprimoramento de sua prática.

Acreditamos que os professores deveriam pesquisar junto com seus alunos, partindo dos conhecimentos que esses têm, das concepções e “teorias” por ele hipotetizadas, buscando analisar a Língua Portuguesa tanto morfológicamente, quanto semanticamente.

Segundo Zorzi (1998, p.23):

“aprender a escrever implica compreender os diferentes usos que as pessoas fazem da escrita, que não se reduzem aos usos que a escola faz ao solicitar cópias, ditados, completar frases, redações, leitura de textos em voz alta e. Implica compreender as funções sociais da

escrita, ou seja, que as pessoas lêem e escrevem para dar ou receber informações, questionar, convencer, para instruir, para se organizar no tempo e no espaço, assim como para o próprio lazer ou diversão”.

Acreditamos que para o ensino ortográfico atender realmente as expectativas esperadas, é importante que os professores estejam dispostos a reaprender sempre e se dedicarem à utilização de metodologias mais dinâmicas e significativas, atraindo a atenção do aluno.

Ao analisarmos a importância dedicada à ortografia por parte dos alunos, felizmente a grande maioria a concebe como essencial nos dias atuais, principalmente após a disseminação da internet e das salas de bate-papo que priorizam a abreviação, 90 por cento dos alunos tanto da escola pública quanto da particular, demonstraram interesse pelas aulas de ortografia.



Figura 10 (escola pública): interesse dos alunos pelas aulas de ortografia.

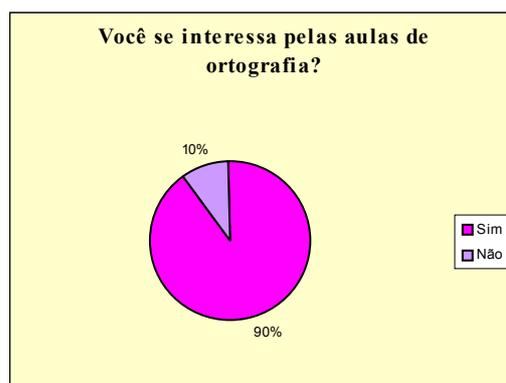


Figura 11 (escola particular): interesse dos alunos pelas aulas de ortografia.

Verificamos que para os alunos gostarem das aulas, eles precisam ser tocados por elas e para isso é imprescindível que a aula tenha significado, contextualização com as aulas de ortografia não pode ser diferente.

Sobre isso, Morais (1999, pág.9) se expressa: “acredito que se nós, professores, conhecermos a razão da existência da ortografia, de sua organização, poderemos nos preparar melhor para dar conta de nosso papel, quando se trata de ajudar o aluno a “escrever certo”. E vir a fazê-lo de um modo mais eficaz que o vivido por nós na condição de alunos, quando aprendemos muitas vezes a ter medo de escrever errado e até de não gostar de escrever.

Vivemos em um momento de revisão da educação escolar, de seu papel e seu alcance. Juntamente com isso, vem o desafio da construção de um perfil profissional para o professor aliado ao projeto educativo da escola, para a produção sistematização e socialização de conhecimento em vista de uma escola mais democrática, competente e comprometida com o ensino de qualidade.

Para apresentar a visão e o trabalho desenvolvidos pelos professores elaboramos várias perguntas e conversando informalmente com professores, percebemos que coexistem entre eles falsas crenças, dúvidas, sentimentos de insegurança. Discutir ortografia é enveredar por um espaço de controvérsias, pois implica enfocar o objeto marcado por preconceitos.

Sobre isso Morais (1999, p. 9) afirma que por um lado, existem pessoas que continuam dando à questão ortográfica um peso não só desproporcional, mas também distorcido. Refiro-me aos professores e outros cidadãos que têm uma postura persecutória em relação aos que cometem erros ortográficos. No outro extremo, estão os educadores que uso da língua escrita mais útil e significativo, enxergam na preocupação com a correção ortográfica um sinal de conservadorismo, de reacionarismo, algo “politicamente incorreto”.

Entre os professores pesquisados percebemos uma postura de preocupação com relação à escrita correta dos alunos. Por isso, utilizam metodologias que, segundo eles, geram aprendizado significativo. Como verificamos nas respostas da questão um (quadro 1), os professores pesquisados, tanto da escola pública quanto da escola particular, utilizam formas contextualizadas como: leitura de textos, bingos ortográficos, jogos. Apenas uma professora declarou utilizar unicamente a metodologia tradicional. Podemos confirmar isso através das seguintes falas:

“Costumo ensinar ortografia associada a vivencia, à contextualização da palavra. Geralmente parto de textos estudados em sala” (professor 5 – escola pública).

“Costumo utilizar Murais com palavras que os alunos erram com maior freqüência. Incentivo a leitura, pois lendo e visualizando é mais fácil a internalização,utilizo jogos ortográficos, bingos” (professor 3 – escola particular).”.

Porém, quando confrontamos as respostas dos alunos, apresentadas nas figuras 3 e 4, com as dos professores percebemos divergências, pois a grande maioria dos alunos diz aprender a ortografia de forma mecânica, com ditados e cópias.

Verificamos que os professores têm conhecimento acerca do assunto, entendem que o ensino precisa ter significado e contextualizado, mas na maioria das vezes se acomodam na realização das práticas mais comuns e que dão “menos trabalho”. Isso se constitui um entrave para a educação de qualidade, a prática dos professores não corresponde a sua fala.

Na segunda pergunta, confirmamos o foco principal de nossa pesquisa, os erros mais freqüentes são fundamentados nas múltiplas possibilidades de escrita de um determinado som, com base na oralidade e trocas fonêmicas.

Quando falamos em erros por várias possibilidades de escrita de um mesmo som, estamos nos remetendo a letras que, diante de algumas vogais, apresentam sons iguais, por exemplo, g e j, m e n, s e z. Entretanto, quando os erros são fundamentados na oralidade, podemos exemplificar a letra “e” no final das palavras, que devido à oralidade é confundida com “i”, assim muitas crianças escrevem “leiti”, “podi”, “poti”, no lugar de “leite”, “pote”, “pode”. Verificamos isso no o bilhete a seguir, escrito por um aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental:



“mamãe você podi trazer um copo de leite pra mim.”

Figura 12: bilhete de um aluno apresentando erros fundamentados na oralidade.

Zorzi (1999, p. 42) realizou uma pesquisa bem mais aprofundada e coincidentemente os resultados foram semelhantes. O autor em questão afirmou que as alterações classificadas como decorrentes de possibilidades de representações múltiplas, erros com apoio na oralidade, são maioria. O total de erros desse tipo no Ensino Fundamental corresponde praticamente a quase metade de todas as alterações produzidas. A maioria dos professores dedica uma importância significativa ao ensino da ortografia. O educador ocupa uma posição privilegiada de mediador da interação da criança com a escrita. Para que esse seu papel seja efetivo, no sentido de conduzir as crianças no mundo das letras, ele necessita compreender, mais profundamente, como as crianças constroem conhecimentos. Necessita também, aprofundar seus próprios conhecimentos a respeito do que é escrita: sua natureza, seus usos e suas funções.

Com relação à questão da preparação para dar aulas de ortografia, a maioria dos professores pesquisados sente-se segura. Porém, em nossos estudos verificamos que isso não condiz com a realidade, pois muitos educadores se formaram há anos e não buscaram cursos que pudessem atualizá-los no assunto ortografia. Alguns ressaltam que as dúvidas acontecem, mas recorrem ao uso do dicionário e outras fontes. Apenas uma professora entrevistada afirmou não estar preparada para ensinar a ortografia, pois faltou formação e informação sobre o assunto, ao longo de seus estudos seja na graduação ou no nível médio.

Vale ressaltar que alguns professores se sentem confiantes, mas ainda adotam única e exclusivamente posturas tradicionais ao ensinar regras ortográficas. Comungando de nossas idéias, Morais (1999, p. 11) afirma que para ensinar a ortografia, muitos professores continuam recorrendo às velhas práticas de cópias, ditados e exercício de “treino ortográfico”. Ao final, a maioria se sente insatisfeita com o rendimento dos alunos e vive dúvidas como: “quando devo começar a ensinar ortografia?”, “ Como devo reagir ao ver as crianças errando?”, “ Como posso inovar para ajudar meus alunos a escrever melhor?”.

Como aportes teóricos, os professores recorreram a autores conhecidos como Pasqualle (2002), Bechara (1999), Ulisses (2000), Ernani Terra (2004), Celso Cunha (1979). Outros, não têm autores específicos e utilizam livros didáticos.

É sabido que a aprendizagem eficaz pressupõe significado, tem que afetar o aluno, e com a ortografia não pode ser diferente. Enquanto educadores preocupados com o ensino, devemos estar prontos para aprender e reaprender sempre, pois o aluno é uma semente que precisa de constante preocupação e dedicação.

Ajudar os alunos a internalizarem as regras ortográficas de forma eficaz é uma tarefa árdua, requer estudo, insistência, flexibilidade e doação. Além disso, deve-se buscar meios que possibilitem essa aprendizagem como a utilização de jogos, dinâmicas, músicas, entre outros recursos. Escrever corretamente pode significar abertura várias portas, no campo profissional ou na vida em geral.

Acreditamos que, dominar as diversas facetas dessa língua deixou de ser apenas uma necessidade, tornando-se o nosso sentimento de nacionalidade. Cultivar esse sentimento nos alunos é a certeza de que nossas raízes serão preservadas e que nossa identidade e memória cultural nunca serão esquecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ortografia é uma invenção relativamente recente. Há trezentos anos, línguas como o francês e o espanhol não tinham ainda uma ortografia. No caso da língua portuguesa, foi só no século passado que se fixaram normas ortográficas no Brasil e em Portugal.

Hoje, vivemos um momento de renovação: pouco a pouco, vamos conseguindo que a língua ensinada na escola tenha propósitos e características semelhantes aos que adotamos quando lemos e escrevemos fora do ambiente escolar. Assim, sem abrir mão da leitura e produção de textos como eixo orientador do trabalho com a língua, pensamos que é preciso ensinar ortografia.

A escola, freqüentemente, exige do aluno que ele escreva certo, mas cria poucas oportunidades para refletir com ele sobre as dificuldades ortográficas da língua. Em vez de se preocupar em avaliar, em verificar o conhecimento ortográfico dos alunos, a escola precisa investir mais em ensinar, de fato, a ortografia.

Segundo Morais (1999, p.18) no dia-a-dia, os erros ortográficos funcionam como uma fonte de censura e discriminação, tanto na escola como fora dela. No interior da escola, a questão se torna extremamente grave, porque a competência textual do aluno é confundida com seu rendimento ortográfico: deixando-se impressionar com os erros que o aprendiz comete, muitos professores ignoram os avanços que ele apresenta em sua capacidade de escrever textos.

Essa lamentável distorção causa sérias conseqüências. É, muitas vezes, devido a isso que mesmo depois de anos de escolaridade, algumas pessoas se sentem constrangidas quando têm que escrever seus próprios textos, porque “têm medo de errar”. Para evitar a propagação dessa autocensura, os professores, precisam rever sua postura ao avaliar e ensinar ortografia. Urge entender que a ortografia é uma convenção social, cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita.

Dada a natureza da convenção social, o conhecimento ortográfico é algo que a criança não pode descobrir sozinha, sem ajuda. Quando compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, a criança já aprendeu o funcionamento do sistema de escrita alfabética, mas ainda desconhece a norma ortográfica. Esta é uma distinção importante para entendermos por que os alunos principiantes cometem tantos erros ao escrever seus textos e por que temos que ajudá-los na tarefa de aprender a “escrever segundo a norma”.

Incorporar a norma ortográfica é conseqüentemente um longo processo para quem se apropriou da escrita alfabética. O erro deve ser visto como parte do processo e não como algo a ser penalizado.

Para que os alunos criem uma nova visão acerca da ortografia é necessário que os, mestres, a encaremos como objeto de reflexão. Segundo Morais (1999, p.25) mostra que para realizar esse ensino, precisamos compreender como está organizado esse objeto de conhecimento - a norma ortográfica – E saber um pouco sobre como a criança re-constrói a norma ortográfica em sua mente, como a aprende.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, aprender ortografia não é só uma questão de memória. Nem sempre para acertar a grafia das palavras, é necessário decorar sua forma correta. É preciso que se trabalhe com base na reflexão, adotando metodologias próprias e diferenciadas que levem os alunos à verdadeira aprendizagem.

As situações vividas no ensino da ortografia nos levam a crer que didática é possível (e preciso) reinventar a nova didática para o ensino de ortografia.

Este estudo possibilitou refletir sobre nossa atuação, rever recursos metodológicos e reestruturar nossa forma de ensinar. O domínio pleno da ortografia da Língua Portuguesa é um dever para nós brasileiros, e, além disso, perpassa pelo nosso sentimento de pertença à nação, de nos reconhecemos como cidadãos integrantes do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Neusa. **Língua Portuguesa História, Perspectivas, Ensino**. Educ, 1998.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa - 3º e 4º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CARVALHO, C.S.; BARALDI, M. G. **Escrita, gramática e ortografia**. São Paulo: Ática, v.1, 1995.

CARVALHO, I.A.M. & ALVAREZ, R.M.A. **Construção da linguagem escrita: Aspectos da Consciência Fonológica**. Revista Fono Atual, n.1, 2000.

CASTRO, Marcos de. **A Imprensa e o Caos na Ortografia**. 3ª ed. rev. RJ/SP: Record, 2001.

__. **A ortografia na escola e na vida**. in ALVES, Maria Leila (coord). Isto se aprende com o ciclo básico. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 1990.

CAPOVILLA, A.G.S. & CAPOVILLA, F.C **Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. São Paulo, Memnon, 2000.

CARRAHER, Terezinha Nunes. **Explorações sobre o desenvolvimento da ortografia em português. Psicologia: Teoria e pesquisa**, Brasília, V.1, n.1, pág. 269-285, set.1985.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1994.

- FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- CAGLIARI, Gladis Massini e CAGLIARI, Luiz Carlos. "A Ortografia na Escola e na Vida". In: ___. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado das Letras, 1999, p.61-96.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- GARCIA, J.R & PÉREZ, F.C. **Ensinar ou Aprender a Ler e a Escrever**. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- GOODMAN, Kenneth. **O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento**. in FERREIRO, Emília e PALACIO, Margarita Gomes. Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- GOODMAN, Yetta. **O desenvolvimento da escrita em crianças muito pequenas**. in FERREIRO, Emília e PALACIO, Margarita Gomes. Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- GUIMARÃES, Gilda; ROAZZI, Antonio. **A importância do significado na aquisição da escrita ortográfica**. In MORAIS, Artur Gomes. (org). O aprendizado da ortografia. 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Linguagem e Educação, 4). pp.61-75.
- MACHADO, Josué. **Contagem regressiva para a unificação**. In: **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Segmento, 2007.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MORAIS, Artur Gomes de, org. **O aprendizado da ORTOGRAFIA**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PELLEGRINI, Tânia. **Português-Palavra e arte**. São Paulo: Atual, 2002.
- PESSOA, Fernando. **A língua portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras. São Paulo, 2000.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artmed, 1987.
- KATO, Mary. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1987.
- PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbios da escrita: questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.